Imigrantes portugueses em São Paulo: história oral

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang
Ceru

Zeila de Brito Fabri Demartini
Ceru

Falamos de migração, movimento de pessoas que deixam o país de origem em caráter definitivo ou por tempo longo.

Falamos de emigrantes, pessoas que deixam sua terra natal em busca do sonho de uma vida melhor, ou para alcançar a liberdade.

Falamos de imigrantes, que se radicam em nova terra procurando se integrar, mas também preservando traços culturais do país de origem, mantendo vínculos que não se rompem.

Falamos de imigrantes portugueses que se dirigiram ao Brasil, país descoberto, colonizado e governado por Portugal até a independência, em 1822. Um país de mesma língua, religião católica majoritária, considerado até a década de 1960 como o destino natural dos portugueses desejosos de deixar seu país. Segundo o mito, era o país da árvore das patacas, onde o enriquecimento seria possível.

Falamos de imigrantes vindos de Angola e Moçambique no período 1970-1980.

Conhecer a imigração portuguesa para São Paulo, no período republicano, constitui o objeto de estudos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (Ceru).[1] Buscamos delinear as características dessa imigração, conhecer a vi-

---

1 Os projetos contaram com financiamento do CNPq. Foram realizados em parceria com o Cemri da Universidade Aberta de Portugal e dele resultaram duas publicações: ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.).

vência e a experiência dos imigrantes e, em última análise, apreender o sentimento de identidade dos portugueses no Brasil.

A migração é um fenômeno complexo, podendo ser visto como um fato coletivo e como uma experiência pessoal. Pode ser estudada de várias formas, sob perspectivas as mais diversas e com base em fontes também diversas: *fontes escritas* (dados censitários, imprensa, correspondência, documentos vários, romances etc.), *fontes orais*, *fontes iconográficas*, *observação participante*. As fontes podem ser preexistentes, ou criadas pelo pesquisador.

Nossa perspectiva é a de conhecer a imigração pela experiência e vivência dos próprios imigrantes. Recorremos para tal ao que hoje se denomina História Oral, uma metodologia qualitativa de pesquisa. Seguimos uma antiga tradição de utilização de histórias de vida e depoimentos que vem de Roger Bastide e Maria Isaura Pereira de Queiroz;[2] já no início dos anos 50, esses autores publicaram importantes e ainda muito atuais artigos sobre a utilização de histórias de vida em pesquisas sociológicas (*Revista de Sociologia*, v. XV, n. 1, 1953).

A história oral vem sendo utilizada de várias formas, havendo entre seus adeptos os *arquivistas* empenhados em preservar o passado, os *ativistas* cujo intento é a conscientização, dando voz aos que não têm possibilidade de se expressar publicamente, e os *pesquisadores*, entre os quais nos incluímos, que buscam conhecer a realidade social através de pessoas que viveram ou podem falar sobre a situação, questão ou período estudado, que constitui o objeto da pesquisa.

Diferentes disciplinas recorrem à história oral, observando-se que se trata de uma metodologia, não se restringindo de forma nenhuma à simples coleta de entrevistas. Poderia ser pensada como um ponto de confluência de várias disciplinas. Acreditamos, contudo, que cada pesquisador a utiliza segundo os pressupostos da ciência de sua formação, a qual orienta o quadro teórico de referência da pesquisa. No nosso caso, a Sociologia, ciência voltada para a realidade social, estuda a sociedade e as relações sociais entre indiví-

---

Olhares lusos e brasileiros. São Paulo: Usina do Livro; Universidade Aberta; Ceru, 2003; ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.). *História, memória e imagens nas migrações*. Abordagens metodológicas. Oeiras: Celta Ed., 2005.

2 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Roger Bastide – ensaios e pesquisas*. São Paulo: Ceru. (Coleção Textos, Série 2, 5, 1994); QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

duos e grupos. Busca conhecer o passado para através dele compreender o presente e obter instrumentos para planejar e aperfeiçoar o futuro.

Em nosso trabalho, nos orientamos por alguns pressupostos técnico-metodológicos: acreditamos na complexidade da realidade social. Temos presente que o conhecimento da realidade é inesgotável e, ainda, que os resultados de uma pesquisa na área das ciências humanas podem ser reinterpretados se fatos novos são verificados ou quando os dados são considerados sob outras perspectivas. A pesquisa parte de um problema ou situação que se busca compreender. O referencial teórico adotado encaminha à definição do objetivo e orienta todas as fases da pesquisa. Entretanto, por configurar-se como um processo, a prática de pesquisa que desenvolvemos permite o questionamento contínuo do problema investigado, do caminho adotado, assim como dos referenciais teóricos dos quais se partiu. Esta é a orientação que reveste os trabalhos de pesquisa de história oral desenvolvidos no Ceru, em perspectiva sociológica.[3]

Trabalhamos com a complementaridade de fontes, embora priorizando as fontes orais através da palavra do outro, em geral coletada em entrevistas. Buscamos a diversificação na formação do quadro de entrevistados.

A entrevista, forma mais usual de coleta de dados em história oral, desenvolve-se em um processo de conversação entre pesquisador e pesquisado, havendo uma interação entre ambos; é fundamental que se estabeleça um clima de confiança. Julgamos que a história oral é um processo de construção conjunta: pesquisador–pesquisado. Não há receita pronta.

O número de entrevistas não é estabelecido de antemão, buscando-se quando possível o "ponto de saturação" atingido quando as informações sobre pontos e relações essenciais começam a se repetir.[4]

As narrativas coletadas assumem formas variadas: a *história de vida*, quando o entrevistado conta livremente sua vida; o *relato de vida*, visto como uma história de vida resumida, dado que se solicita ao narrador que aborde determinados períodos ou fatos de sua existência; o *depoimento*, quando em

---

3 LANG, Alice B. S. G.; CAMPOS, M. Christina S. S.; DEMARTINI, Zeila B. F. *História oral e pesquisa sociológica*: a experiência do Ceru. São Paulo: Humanitas, 2001.

4 BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité methodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, v. 69, p. 197-225, 1980.

geral se buscam informações de que o entrevistado dispõe. As várias formas se complementam em muitos estudos.

As entrevistas gravadas e transcritas dão origem a documentos. Acreditamos que o documento não fala por si, mas precisa ser analisado. A análise acompanha todo o processo da pesquisa. Seus resultados possibilitam comparações, observando que a sociologia é uma ciência que trabalha com comparações.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, que em geral se constitui de estudos em profundidade de casos escolhidos e significativos, não tendo por base uma amostra aleatória, os resultados não podem ser generalizados, mas indicam direções para a compreensão do problema em estudo.

Observamos ainda que a história oral, na medida em que busca conhecer o passado recente, trabalha com a memória do entrevistado que reconstrói o passado com os olhos e valores do presente, a que se somam as experiências por ele vivenciadas no decorrer da vida. Como bem apontou Halbwachs,[5] a memória não é apenas individual, mas também social, sendo a primeira determinada pela segunda.

No caso do estudo sobre imigrantes portugueses em São Paulo, o recurso à história oral permite verificar que há traços comuns assim como especificidades que possibilitam melhor compreender a dinâmica de sua inserção social, assim como apreender o processo de reconstrução de identidades.

A identidade é um processo que resulta de uma relação com o outro e, muitas vezes, de uma identificação com o outro. Não depende apenas da forma como o sujeito pretende se afirmar, mas também da recepção do outro a essa afirmação. A identidade é um permanente processo de reconstrução no decorrer da vida, sob o impacto das circunstâncias vividas. As identidades não são nem rígidas, nem imutáveis, mas sim, identificações em curso.

---

5 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM SÃO PAULO

Nossos estudos focalizaram a imigração portuguesa em São Paulo a partir da Proclamação da República, em 1889, quando foi instituído o decreto da Grande Naturalização, significando que todos os estrangeiros que estivessem no país nessa data seriam considerados brasileiros, desde que não se manifestassem em contrário. No período republicano a imigração se fez em ciclos de maiores e menores entradas, obedecendo a circunstâncias várias em Portugal e no Brasil.

Focalizamos nesta apresentação dois períodos distintos e significativos, a imigração portuguesa dos anos 1950-1963 e o período 1970-1980, relativo aos imigrantes vindos de países africanos. Em ambos os períodos trabalhamos com imigrantes de primeira geração, que realizaram eles mesmos o percurso migratório, que se faz em etapas sucessivas: no país de origem, a decisão de partir, os preparativos que incluem a obtenção da documentação necessária, a escolha do local de destino, as despedidas; a viagem, importante "marco de passagem"; no país de destino, os primeiros tempos e a decisão de ficar ou regressar. No caso do regresso segue-se a reinserção no país de origem, e, no da permanência, a inserção em caráter mais definitivo no país de acolhimento.[6] As fases do percurso migratório orientaram a coleta e a análise de dados. Apresentamos alguns resultados obtidos quanto aos dois períodos, destacando a utilização e as possibilidades oferecidas pela metodologia adotada, a história oral.

PERÍODO 1950-1963

Os processos de industrialização e urbanização do pós-guerra ofereciam possibilidades de trabalho para uma mão-de-obra com pouca qualificação. Portugal, especialmente na região norte e nas ilhas, vivia um processo de pauperização. A emigração para o Brasil foi incentivada e entraram no país 299.801 imigrantes portugueses, vindos especialmente para São Paulo e o Rio

6 ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

de Janeiro. Em 1950 residiam na cidade de São Paulo 135.438 portugueses, que se misturavam à população. Através de diferentes trajetórias, buscamos conhecer as características da imigração portuguesa do período, bem como desvendar o processo de reconstrução da identidade dos portugueses no Brasil. A partir de 1964 os números da emigração portuguesa para o Brasil caíram vertiginosamente, pois os emigrantes optaram por outros destinos: França, Alemanha, Estados Unidos e Canadá.

Formamos um quadro diferenciado de entrevistados, tendo em comum o período de chegada. Entrevistamos homens e mulheres provenientes do norte de Portugal, Ilha da Madeira e Açores. Pessoas hoje em situação diversa, mas cuja origem pobre configurava uma emigração econômica. Houve também entrevistados que emigraram aos 17 anos temendo a incorporação à tropa e o envio às guerras de África, além daqueles que vieram chamados por familiares, ou por outros motivos pessoais. Em grande parte as motivações se somavam.

Trabalhamos com trinta relatos de vida de imigrantes de primeira geração, ou seja, daqueles que realizaram o percurso migratório, embora outras entrevistas houvessem também sido coletadas. Cada entrevista constitui um estudo de caso e convida à comparação.[7] O indivíduo faz parte de um grupo social, ou de vários grupos e, na medida em que compreendemos as representações do indivíduo sociologicamente qualificado podemos compreender as representações do grupo, ou levantar pistas mais seguras para a compreensão.[8]

Pontos comuns nas diferentes trajetórias analisadas foram observados:

- O sonho de um futuro melhor.
- A partida anterior de parentes ou conterrâneos que representavam um apoio nos primeiros tempos.
- A coragem de partir.
- A forma da imigração: muitas vezes partiam inicialmente os homens sós, para depois de alguns anos, já em melhores condições, chamarem a família.

---

7 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

8 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Portugueses em São Paulo: memória e identidade. In: ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro; Universidade Aberta; Ceru, 2003.

- As dificuldades nos primeiros tempos em terra estranha.
- A preservação de costumes.
- A grande importância atribuída à instrução dos filhos.
- A omissão ou minimização de desentendimentos nas narrativas.
- A manutenção de fortes laços com a terra de origem e a preservação das lembranças de Portugal.
- O desejo de mostrar os sucessos alcançados no local de origem.

Apresentamos a trajetória de Anália, uma imigrante que chegou a São Paulo com dez anos, em 1956. Veio com a mãe e três irmãos ao encontro do pai, que havia emigrado alguns anos antes. Foi uma imigração tipicamente econômica. A família, bastante pobre, provinha de Beiriz, aldeia próxima a Póvoa do Varzim, e veio tentar a vida no Brasil.[9]

Anália foi entrevistada em 1998. Excelente narradora, relembrou com muita emoção a infância na aldeia e contou sua vida no Brasil.[10] Mostrou um sentimento de *identidade* revestido de ambigüidades. Anália sentia-se portuguesa, embora gostasse muito do Brasil, "uma terra que me deu aquilo que a minha não deu". Falou da existência de *preconceitos* de brasileiros contra portugueses: "A gente às vezes tem um pouco de mágoa do povo brasileiro porque eles acham que a gente consegue as coisas roubando... A gente é marginalizado".

Anália recebeu com enorme satisfação o texto editado de sua entrevista.

Depois de 50 anos da chegada ao Brasil, a imigrante regressou a Portugal para "recuperar suas raízes". Sentia-se "incompleta" por não ter vivido em sua terra tudo de que apenas ouvira falar. Tratava-se de um regresso *temporário*, embora por um período relativamente longo, inserindo-se na vida da comunidade. Em Beiriz, participou de inúmeras atividades, de numerosos grupos: das atividades da igreja; do grupo de viúvas que se reúnem sob a orientação do padre, mas que também organiza passeios e excursões; da corrida ciclística na Póvoa do Varzim nas comemorações do 25 de abril; da campanha política

---

9 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Imigração e história oral: trajetórias e vivências. In: ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.). *História, memória e imagens nas migrações*. Abordagens metodológicas. Oeiras: Celta Ed., 2005.

10 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo et al. Uma entrevista em análise: olhares diversos. *Revista Pesquisa Qualitativa*, SE&PQ, Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, ano 2, n. 1, 2006.

para a eleição do prefeito; das festas da aldeia, como a Malafaia, onde se come e se dança em salão enfeitado por enormes bonecos; da vindima, na terra de um parente.

Por ocasião do retorno ao Brasil para uma visita à família, Anália tomou a iniciativa de procurar a pesquisadora oferecendo-se para contar sua experiência de regresso à aldeia de origem. Esse fato corrobora a observação de que a entrevista de história oral requer que um clima de confiança e até de amizade se estabeleça entre pesquisador e pesquisado.

Uma segunda entrevista foi então feita em 2007, após o regresso, permitindo uma comparação dos relatos dos dois momentos, 1998 e 2007. Buscava-se então conhecer as razões do regresso, a experiência de viver na aldeia de origem, e compreender possíveis modificações quanto ao sentimento de identidade.

A análise da segunda entrevista possibilitou várias reflexões: além de delinear a vida em uma pequena aldeia do norte do Portugal de hoje, Anália observou mudanças e permanências e mostrou que a ambigüidade permanece revestindo o sentimento de identidade pessoal da imigrante: "Eu sou portuguesa, eu não sou brasileira. Mas eu me sinto brasileira, me sinto assim integrada na vida do Brasil, gosto do Brasil, não troco esse país".

A questão pode também ser observada através dos pronomes utilizados em sua fala: na primeira entrevista, o "nós" e "a gente" referiam-se aos portugueses; na segunda entrevista, emprega "eles" para falar dos portugueses.

Se no Brasil Anália notava o preconceito dos brasileiros quanto aos portugueses, agora observa os preconceitos dos portugueses contra os brasileiros. Foi essa identidade ambígua que levou Anália ao regresso, ao desejo de viver em sua terra aquilo que deixara de conhecer. Mas a ambigüidade permanece, talvez como uma marca do imigrante. Seria uma marca indelével?

Sobre *a história oral como metodologia de pesquisa*, algumas observações podem ser feitas:

- A estreita relação que se estabelece entre pesquisador e entrevistado. Foi iniciativa de Anália procurar a pesquisadora para a segunda entrevista.
- Mesmo as pessoas ditas "comuns" têm o desejo de ter sua história preservada: "Mas a gente diz que o homem tem que ter um filho, plantar

uma árvore e escrever um livro, a sua história. Então, as duas principais coisas eu fiz: ter um filho, plantar árvore eu já plantei muitas, e agora um pouco da minha história também está por aí, não é, Beatriz?".

- A entrevista de história oral é um momento de recordar, de repensar e reavaliar a trajetória da vida. Foi também graças à entrevista que Anália decidiu recuperar a experiência de viver em sua terra natal.
- O desejo de regressar, esse sentimento de incompletude, não se manifestaram na primeira entrevista. Teriam resultado da rememoração do passado provocada na entrevista.
- Há a idéia de uma ação transformadora da história oral, referida não apenas à coletividade, mas também ao indivíduo. Contudo, dessa ação decorre a *responsabilidade* do pesquisador que, com vistas aos seus objetivos, provoca a rememoração e reavaliação do passado.

PERÍODO 1970-1980

Em estudo sobre fluxos migratórios recentes de imigrantes portugueses e descendentes para São Paulo nas décadas de 1970 e 1980, consideramos os que vieram de Portugal após a Revolução dos Cravos e os que vieram da África, durante as guerras coloniais e depois da independência de Angola e Moçambique.[11] Nesse período ocorreram fluxos migratórios de portugueses e luso-africanos das antigas colônias portuguesas africanas, motivados pelas pressões políticas das difíceis e complexas realidades africana e portuguesa, além das econômicas, que os diferenciaram das levas migratórias anteriores. No caso desses imigrantes, cruzaram-se em suas histórias as vivências socioculturais de contextos muito distintos: o contexto português colonizador como referência, dado seu pertencimento a famílias de origem portuguesa; o contexto de vivência na África, muitos tendo aí nascido, e o contexto paulista/brasileiro de adoção.

---

11 DEMARTINI, Zeila de B. F.; CUNHA, Daniel de Oliveira; DOPPENSCHMITT, Elen C. S. Desafios da pesquisa com fluxos migratórios recentes: portugueses e luso-africanos em São Paulo. *Cadernos Ceru*, São Paulo, Série 2, n. 16, 2005.

A produção acadêmica sobre as implicações dos movimentos políticos em Portugal e nas suas colônias na África para os que aí residiam é ainda restrita. A ausência de dados oficiais no Brasil é um dos grandes problemas;[12] também em países africanos não há dados disponíveis, embora se saiba que os imigrantes desembarcaram aos milhares em solo brasileiro.

Tais problemas reforçaram a necessidade de apreender as memórias daqueles que participaram de alguma maneira do processo imigratório, que muito pouco foi pesquisado pelos próprios povos africanos das ex-colônias portuguesas.

Nossa abordagem seguiu as indicações de Bastide[13] e de Pereira de Queiroz:[14] a construção da problemática, assim como a escolha dos sujeitos, foi ocorrendo durante o processo de pesquisa, com a participação do próprio grupo imigrante.[15] Trabalhamos com a perspectiva da complementaridade entre as fontes de pesquisa; muitas vezes essas fontes só foram explicitadas a partir dos próprios imigrantes. Coletamos sob a forma de história de vida os relatos de 24 pessoas: 16 de Angola e oito de Moçambique.

A reflexão sobre o conteúdo dos relatos orais coletados, assim como a inserção dos pesquisadores no universo dos imigrantes pesquisados, permitiu-nos chegar a algumas observações preliminares:

---

12 RIBEIRO, José Teixeira Lopes. Migração internacional Brasil-África: Angola em destaque. In: PATARRA, Neide Lopes (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2. ed. Campinas: FNUAP; Nesur/Nepo, 1996; ver também DEMARTINI, 2005.

13 BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: Ceru, 1983. (Coleção Textos, n. 4).

14 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Reminiscências. In: AGUIAR, Flávio (Org). *Antonio Candido*: pensamento e militância. São Paulo: Humanitas; Fundação Perseu Abramo, 1999.

15 DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In: ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro; Universidade Aberta; Ceru, 2003; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Relatos orais, documentos escritos e imagens: fontes complementares na pesquisa sobre imigração. In: ROCHA-TRINDADE, M. Beatriz; CAMPOS, M. Christina S. de Souza (Org.). *História, memória e imagens nas migrações*. Abordagens metodológicas. Oeiras: Celta Ed., 2005.

- Com relação aos deslocamentos de portugueses para a África, verificamos as diferentes inserções na realidade africana e a possibilidade visualizada e real de ascensão social para muitos deles.
- Com relação aos deslocamentos para o Brasil, Portugal geralmente aparece como primeira opção para os portugueses e luso-africanos, mas ocorrem conflitos em decorrência de divergências políticas, disputas no mercado de trabalho, rejeição pelos residentes etc., surgindo o Brasil como opção viável pelas possibilidades existentes no momento, destacando-se a importância das redes de apoio aos imigrantes em São Paulo.
- Na África, antes da partida, a convivência entre portugueses/descendentes e negros africanos era reduzida, geralmente estabelecida nas relações de trabalho (negros sendo empregados); mas há uma representação generalizada de que não havia preconceitos/discriminações.
- Depois de chegarem ao Brasil, a inserção econômica e social é quase imediata.
- Com relação à questão identitária, entre os imigrantes da África poucos fazem referência à incorporação da "brasilidade" em seus relatos, assumem-se como "portugueses", "luso-africanos" ou "africanos" (angolanos e moçambicanos) e só com alguma exceção como "luso-afro-brasileiros".
- Com relação aos aspectos educacional e cultural, visualizamos as tentativas de imposição do modelo colonizador português nas diferentes escolas e as resistências várias; as discriminações e preconceitos na prática pedagógica; as dificuldades para inserção no sistema educacional brasileiro.
- No campo familiar observamos as freqüentes separações no processo imigratório e a constituição de famílias com "convivências" diferentes em Portugal, na África, no Brasil.
- No campo político constatamos a complexidade de situações existentes e sua mutabilidade em cada contexto, como também a participação dos colonos brancos nas lutas de libertação das colônias africanas.

Citamos um pequeno trecho de um dos relatos:

O nosso caso que fomos praticamente obrigados a sair, embora tenha sido uma decisão de: "Está! Nós vamos". Mas foi um "nós vamos" à custa de uma situação de guerra. A sensação de que alguma coisa foi quebrada, para você. E quebrou uma trajetória de vida que você tinha planejado. Você tinha sonhado, de repente ela se quebrou ... Até hoje, a grande maioria do pessoal não aceita a maneira como Portugal tratou a emigração, a descolonização. Portugal não levou em consideração quem era angolano, que estava em Angola ou Moçambique ou Guiné Bissau, em qualquer lugar. Passaram a considerar como únicos elementos para negociar a descolonização, os movimentos ditos de libertação. A população local nunca foi escutada, nem branca, nem população local, mesmo. Nunca foi ouvida no processo.

Com relação às questões metodológicas ressalta-se:

- Os imigrantes entrevistados falam da situação colonial não estando mais lá, isto é, falam de um contexto do qual se deslocaram quase forçadamente; há, porém, a possibilidade de se obter, através dos relatos, as representações dos envolvidos de forma mais distanciada e até menos comprometida politicamente, dado o afastamento.
- A análise das memórias dos imigrantes de Angola e Moçambique revelou em grande parte a complexidade da situação colonial, os pertencimentos a vários grupos, as alianças com as "minorias" dominantes e com os dominados. É possível afirmar que as propostas políticas e os movimentos revolucionários afetaram os diferentes grupos de população, marcando profundamente os que imigraram nesse período conturbado. Através de suas memórias torna-se possível compreender as complexas relações que envolveram esses países e o Brasil, assim como as trajetórias familiares e os novos deslocamentos dos que imigraram na década de 1970 para São Paulo.
- A impossibilidade de falar da imigração portuguesa de forma homogênea, em qualquer momento e em qualquer *locus*. A diversidade de

sujeitos como perspectiva metodológica, considerando o mesmo período e o mesmo contexto de inserção pode permitir a apreensão da complexidade de situações e experiências.

- A necessária complementaridade de fontes como forma de ampliar o conhecimento sobre as diferentes trajetórias/experiências, assim como as diferentes políticas dos países de origem e de adoção.
- O estudo das memórias dos que imigraram deixou suas marcas em nossa maneira de pensar/refletir sobre a imigração e as vivências dos imigrantes de diferentes grupos em São Paulo. Levaram, principalmente, à revisão de interpretações homogeneizadoras sobre os processos imigratórios para terras paulistas.

A forma como trabalhamos com a história oral foi fundamental para a compreensão dessas questões.